

## ESTRUTURA ESPACIAL CENTRO-PERIFÉRICA OU FRAGMENTADA? OS *SHOPPING CENTERS* EM BELÉM-PA E MANAUS-AM

Marlon Lima da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

A lógica de estruturação espacial do tipo centro (rico e perto) - periferia (pobre e distante) traduziu a forma como diversas cidades latino-americanas se organizaram ao longo do século XX. Entretanto, muitos autores têm apontado a complexificação desse modelo que acontece pela emergência da lógica fragmentária, isto é, quando ricos e pobres reduzem a distância físico-geométrica, mas a distância social permanece ou se aprofunda. A expansão do setor de *shopping centers* para as periferias é capaz de suscitar esse debate. Assim, o trabalho levanta a seguinte questão: em que medida a estrutura espacial centro-periférica é dinamizada pela lógica fragmentária, considerando o perfil locacional dos *shopping centers* e o perfil econômico de seus frequentadores? Compara duas metrópoles na Amazônia brasileira. Define e quantifica os perfis locais dos *shopping centers* e de seus frequentadores. Indica que embora permaneça a seleção das áreas mais ricas pelos agentes econômicos e pelos consumidores das classes A e B, traduzindo a lógica centro-periférica, ela nem sempre é possível no interior de metrópoles com profundas desigualdades socioespaciais. Mostra que os agentes econômicos têm selecionado novas áreas das cidades, aproximando-se das periferias, o que acaba atraindo mais frequentadores das classes C e D. Conclui indicando que a lógica fragmentária se expande de diferentes modos e ritmos, sem eliminar a lógica centro-periférica. Ao ser sobreposta pela lógica fragmentária, a estrutura centro-periférica se dinamiza diferenciadamente em função do peso das heranças histórico-geográficas que as duas metrópoles carregam.

**Palavras-chave:** Estrutura Espacial, Centro-Periferia, Fragmentação, *Shopping Center*.

### RESUMEN

La lógica de estructuración espacial según el esquema centro (ricos y próximos) - periferia (pobres y distantes) reflejó la forma en que se organizaron diversas ciudades latinoamericanas a lo largo del siglo XX. Sin embargo, muchos autores han señalado la complejización de este modelo, que se debe al surgimiento de la lógica fragmentaria, es decir, cuando ricos y pobres reducen la distancia físico-geométrica, pero la distancia social permanece o se profundiza. La expansión del sector de los centros comerciales a las periferias puede suscitar este debate: ¿hasta qué punto la estructura espacial centro-periferia se cambia por la lógica fragmentaria, teniendo en cuenta el perfil de localización de los centros comerciales y el perfil económico de sus visitantes? Se comparan dos metrópolis de la Amazonia brasileña. Cuantifica los perfiles de localización de los centros comerciales y de sus visitantes. Indica que, aunque las zonas más ricas siguen siendo seleccionadas por los agentes económicos y los consumidores de las clases A y B, reflejando la lógica centro-periferia, esto no siempre es posible en metrópolis con profundas desigualdades socioespaciales. Muestra que los agentes económicos han seleccionado nuevas zonas de las ciudades, acercándose a las periferias, lo que acaba atrayendo a más las clases C y D. Concluye señalando que la lógica fragmentaria se expande de diferentes maneras y ritmos, sin eliminar la lógica centro-periferia. Al estar superpuesta

---

<sup>1</sup> Doutorando do Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará UFPA, marlon.angelim@gmail.com

por la lógica fragmentaria, la estructura centro-periferia se dinamiza de forma diferente en función del peso de los legados histórico-geográficos que arrastran las dos metrópolis.

**Palabras clave:** Estructura Espacial, Centro-Periferia, Fragmentación, centro comercial.

## INTRODUÇÃO

O crescimento de novas formas de produção do espaço urbano tem complexificado a estrutura espacial centro-periférica nas cidades latino-americanas (Navez-Bouchanine, 2002). A relativa homogeneidade que até pouco tempo caracterizou a morfologia de muitas dessas cidades, áreas centrais (ricas) e periféricas (pobres), constitui, agora, tendência à fragmentação socioespacial (Prévôt-Schapira, 2001; Sposito, 2004).

Um conjunto de ações sistemáticas que não se resumem à América Latina tendem a constituir poli(multi)centralidades e estruturas espaciais fragmentadas (Barata-Salgueiro, 1997; Sposito, 2013). Isso exige pensar novas formas de compreensão do fenômeno urbano, considerando fatores que se vinculam não só às condições atuais de reprodução do capital, como também aos novos significados relativos ao consumo (Sposito, 2023).

É necessário articular essas dinâmicas ao movimento especulativo global que canaliza parte do excedente para a urbanização (Harvey, 2013), orientado pelo “regime de acumulação com dominância financeira” (Chesnais, 2010). Como uma das evidências desse processo, a América Latina tem acompanhado a proliferação de *shopping centers* que constituem uma “nova fronteira de oportunidades” (Dávila, 2016).

No Brasil, Sá (2005) e Eguren (2014) identificaram que esse setor de tem sido alavancado por Investimento Estrangeiro Direto (IED), sendo impulsionados pelo universo global da lógica financeira. Nesse movimento, os *shopping centers* se multiplicam até mesmo para fora das grandes aglomerações urbanas, chegando nas periferias regionais, cidades médias e pequenas (Villaça, 1998; Santos, Silveira, 2001).

Essa difusão inclui cidades marcadas por profundas desigualdades socioespaciais na Amazônia brasileira, como Belém- PA e Manaus- AM (Silva, Rodrigues, 2023). No entanto, ocorre que, embora esses grandes centros comerciais tenham ampliado o seu público alvo e sua localização, eles não são espaços que primam pela igualdade (Frógoli, 1992; Melara, Silva, 2022).

Diante desse complexo movimento, o presente artigo levanta a seguinte questão: em que medida a estrutura espacial centro-periférica é dinamizada pela lógica fragmentária,

considerando o perfil locacional dos *shopping centers* e o perfil econômico de seus frequentadores?

Com base na Associação Brasileira de Shopping Center (ABRASCE), mapeia 16 *shopping centers* (10 em Manaus e 6 em Belém) que são definidos como as tipologias com Área Bruta Locável (ABL) superior a 5 mil m<sup>2</sup>, constituídas por diversas unidades comerciais com administração única e centralizada que praticam aluguel fixo e percentual (ABRASCE, 2023).

Traça o raio de 1km em relação aos polígonos definidos no estudo Aglomerados Subnormais<sup>2</sup> do IBGE (2011) para quantificar a localização dos *shopping centers* e estabelecer três perfis locacionais: central (quando localizados em áreas comerciais consolidadas e não há sobreposição aos polígonos); pulverizado (quando localizado em novas áreas de expansão e não há sobreposição aos polígonos); fragmentado (quando há sobreposição aos polígonos, independentemente da localização).

Nesse aspecto, replica a metodologia adotada por Silva e Rodrigues (2023). No entanto, com auxílio cartográfico, sobrepõem esses dados ao perfil econômico dos frequentadores. Tal perfil foi extraído do levantamento realizado pela ABRASCE que segmentou os usuários em classe A, B, C e D (ABRASCE, 2021). Cumpre destacar que o referido estudo já não mais se encontra disponível no *site* da Associação.

Embora o estudo da ABRASCE não especifique a faixa salarial dessas classes, sabe-se que os parâmetros utilizados comumente obedecem à classificação da Fundação Getúlio Varga (FGV)<sup>3</sup> que definiu as seguintes faixas de renda com base nos dados de 2014: classe A (R\$ 11.262 limite inferior), classe B (R\$ 8.641 limite inferior e R\$ 11.261 limite superior), classe C (R\$ 2.005 limite inferior e 8.640 limite superior) e classe D (R\$ 1.255 limite inferior e R\$ 2.004 limite superior).

Finalmente, o trabalho se divide em três partes: a) fundamentos teóricos; b) resultados e discussões; c) considerações finais. Conclui mostrando que a estrutura centro-periférica ainda é evidente nas escolhas locacionais das empresas e dos frequentadores. Entretanto, a

---

<sup>2</sup> É um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.) carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais. Ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa” (IBGE, 2011).

<sup>3</sup> <https://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>

partir da pulverização dos *shopping centers* para novas áreas, incluindo as periferias, a estrutura espacial se complexifica, indicando processos de fragmentação. Tais processos acontecem de diferentes modos e ritmos nas duas metrópoles. Em grande medida, isso se deve ao peso das heranças histórico-geográficas de cada uma delas.

## FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A compreensão das diferentes formas e conteúdos que a estrutura espacial das cidades tem assumido no contexto da urbanização contemporânea desafiam os estudos que procuram estabelecer generalizações na tentativa de se criar modelos interpretativos de cunho generalista (Brenner, Schmid, 2015). Segundo os autores, os modelos inspirados na chamada Escola de Chicago foram pilares interpretativos da estruturação das cidades em diversos contextos socioespaciais durante muito tempo.

Deve-se reconhecer que historicamente a urbanização dependente latino-americana constituiu sistemas urbanos com estruturas análogas à inserção desigual de seus países na divisão internacional do trabalho (Castells, 2011 [1972]). Esses mecanismos mais amplos edificaram estruturas espaciais centro-periféricas herdadas nas diferentes cidades, separando geometricamente as zonas ricas das pobres.

No entanto, a forma e o conteúdo de processos recentes, constituindo versões diversificadas de “cidades pós-fordistas”, exigem repensar os esquemas interpretativos embasados sob a lógica espacial geométrica centro-periférica, sem que essa tenha desaparecido por completo (Sposito, 2013).

Nesse caminho, diversos autores têm reconhecido um movimento que tende à superação da lógica centro-periférica pela lógica fragmentária, incluindo não apenas a forma, mas o conteúdo da urbanização contemporânea (Sposito, Sposito, 2020; Morcuende, 2021; Legroux, 2021). No Brasil, Sposito (2004, 2013, 2018) chama a atenção para a presença de “novos conteúdos das periferias urbanas”, incluindo o conjunto das cidades latino-americanas. Esses conteúdos apresentam forte tendência para a reestruturação urbana e reestruturação da cidade, aprofundando desigualdades e diferenciações, num movimento que combina segregação e fragmentação socioespacial (Sposito, 2004, 2013, 2018).

Prévôt-Schapira (2001) defende que as múltiplas divisões, privatização e cercamento, em meio à crescente expansão de zonas pobres, indica a necessidade de se pensar a estrutura espacial em termos de fragmentação, até mais do que de centro-periferia, sendo cada vez mais

frequente a proximidade física (sem proximidade social) entre ricos e pobres em espaços fechados e isolados do entorno (Navez-Bouchanine, 2002).

O crescimento do setor de *shopping center* é capaz de suscitar duplamente esse debate. Numa escala global e numa escala do cotidiano. No Brasil, muitos empreendimentos avançam significativamente para diversas cidades (aglomerados metropolitanos, cidades médias etc.) e para novas áreas no interior dessas cidades, incluindo as tradicionais periferias (Silva, Rodrigues, 2023). Chegando, assim, fortemente na esfera da reprodução do cotidiano pelo consumo.

Na escala mais abstrata da reprodução do capital, os *shopping centers* indicam a penetração da lógica financeira no comércio varejista (Sá, 2005; Eguren, 2014; Dávila, 2016; Silva, Rodrigues, 2023). Uma vez construídos, não é novidade o fato de que “os shopping centers alteram o preço da terra, atraindo outros investimentos imobiliários” (Silva, 2017, p. 206). Nesse sentido, à medida que esses equipamentos de consumo são construídos, pulverizadamente, as rendas fundiárias urbanas se ampliam, mesmo nas áreas pobres. Essa dinâmica tende a inviabilizar o potencial de uso para implantação de projetos habitacionais populares ou espaços públicos.

Isso exige refletir na escala do vivido, posto que os *shopping centers* tendem a criar novas centralidades, em diferentes aspectos: cotidiano do consumo; mobilidade; sociabilidade (Frúgoli, 1992; Bartolly, 2007; Silva, 2017). Para Sposito (2013), eles podem representar um duplo movimento que vai da multicentralidade à policentralidade, ou seja, superando a monocentralidade em quantidade e em qualidade, respectivamente.

Cumprir mencionar ainda que esses estabelecimentos vêm ampliando seu público, abrangendo em diferentes intensidades as chamadas “classes A, B, C e D”, bem como oferecendo uma gama variada de serviços (advocacia, saúde, educação) (Melara, Silva, 2022).

Nessa conexão entre reprodução do capital e reprodução da vida, a estrutura espacial se complexifica com o avanço do setor de *shopping centers* para as periferias. Exigindo, assim, novas pesquisas capazes de capturar esse movimento nas suas generalidades e especificidades.

Na presente pesquisa, foram selecionadas duas metrópoles localizadas na Amazônia brasileira: Belém e Manaus. Da sobreposição entre os perfis locais e os perfis econômicos dos frequentadores é possível analisar em que medida a estrutura espacial centro periférica é dinamizada pela lógica fragmentária nessas duas metrópoles, a partir da difusão do setor de *shopping center*.





## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A expansão acelerada do setor de *shopping center* para a Amazônia brasileira se vincula à consolidação histórica dos negócios, bem como ao avanço nacional do processo de financeirização que tem como alguns de seus vetores a criação de Fundos de Investimento Imobiliários e a captura de Investimento Estrangeiro Direto (Silva, Rodrigues, 2023).

O **Quadro 1** aglutina o conjunto dos empreendimentos em Manaus e Belém, mostrando a complexidade dos agentes econômicos que atuam: desde varejistas locais até grandes grupos internacionais.

**Quadro 1.** *Shopping centers* em Manaus e Belém

PROPRIETÁRIOS E/OU ADMINISTRADORES	
M A N A U S	MANAUARA SHOPPING- Administrado por Aliansce Sonae
	MILENIUM SHOPPING- Administrado pelo Grupo AD Shopping
	SHOPPING PONTA NEGRA - Proprietário: XP <a href="#">Malls</a> Fundo de Investimento Imobiliário FII
	STUDIO 5 SHOPPING E CONVENÇÕES - Administrado pela Nassau Empreendimentos
	AMAZONAS SHOPPING- Administrado pela BR <a href="#">Malls</a> (proprietária de parte também)
	UAI SHOPPING SÃO JOSÉ - Proprietário Uai Investimentos <a href="#">Infra-estrutura Empreendimentos e Incorporacoes S/a</a>
	SHOPPING GRANDE CIRCULAR - Já foi administrado pelo Grupo AD Shopping
	SUMAÚMA PARK SHOPPING- Proprietário Grupo DB
	SHOPPING MANAUS VIA NORTE- Proprietário Grupo <a href="#">Saphyr</a>
	MANAUS PLAZA SHOPPING- Proprietário <a href="#">TVLar</a>
B E L É M	SHOPPING PÁTIO BELÉM- Proprietários: FUNCEF - Fundação dos Economistas Federais; MESBLA S/A; FII RAILWAY MALL FI; VINCI SHOPPING CENTERS FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO – FII. Administrado pelo Grupo AD Shopping
	BOULEVARD SHOPPING- Administrado por Aliansce Sonae (proprietária de parte também)
	PARQUE SHOPPING- Um dos proprietários Legatus Shopping Fundo de Investimento Imobiliário - FII Administrado por Aliansce Sonae
	BOSQUE GRÃO PARÁ- Proprietários Grupo Calila Investimentos Ltda. – JCC
	SHOPPING METRÓPOLE ANANINDEUA – Proprietário SC2 Participações Administrado por Shoppings Sá Cavalcante
	CASTANHEIRA SHOPPING- Proprietário Grupo Líder

Fonte: Autor, 2023

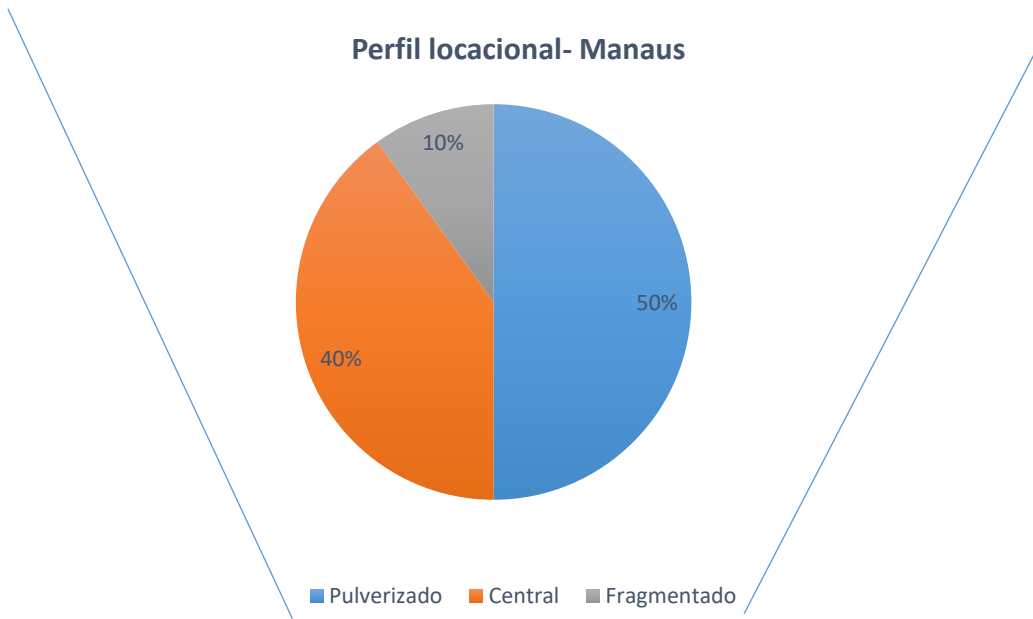
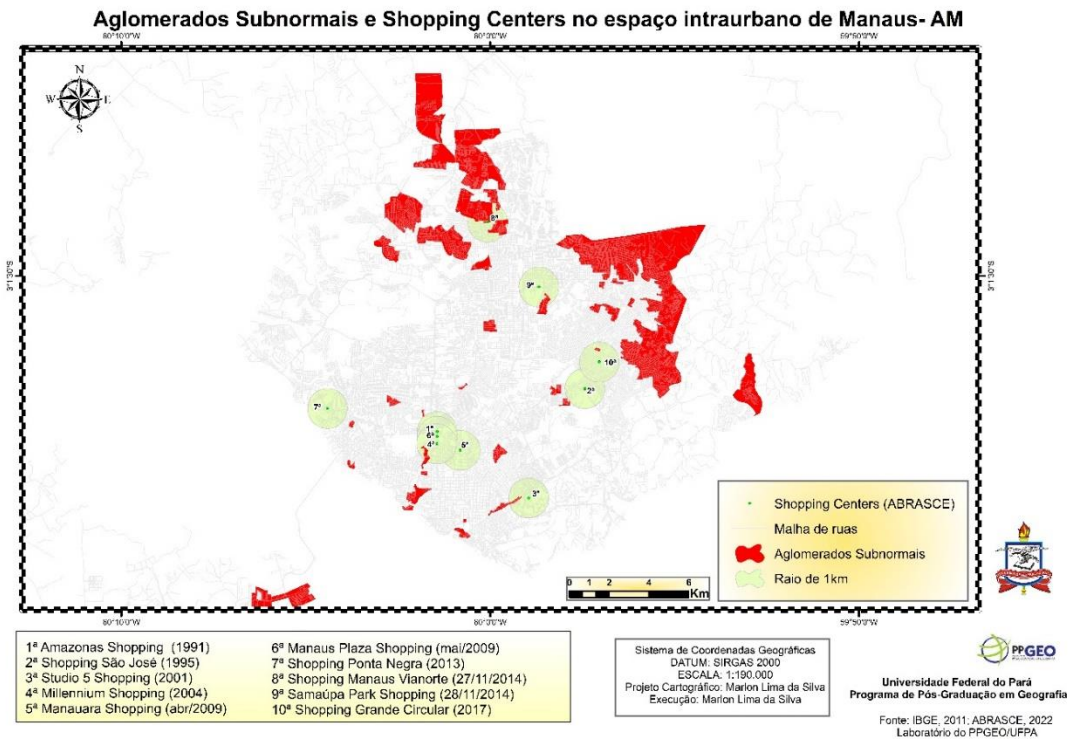
No início da década de 1990, o país possuía aproximadamente 100 *shopping centers*, número que saltou para um pouco mais de 500 em 2010 (CBRE, 2020). Esse novo contexto marca a mudança no perfil de estruturação espacial do setor. Nele, os *shopping centers* se deslocam para áreas periféricas do sistema urbano nacional, incluindo, por exemplo, as metrópoles da Amazônia brasileira.

Dessa forma, cumpre ressaltar que Manaus e Belém só receberam seus primeiros *shopping centers* no início da década de 1990. Essas metrópoles revelam transformações



importantes na estruturação espacial do setor, indicando semelhanças e diferenças. É o que se pode extrair da comparação dos perfis locais dos *shopping centers* em Manaus (Figura 1) e Belém (Figura 2).

**Figura 1.** Perfil Locacional dos *shopping centers* em Manaus

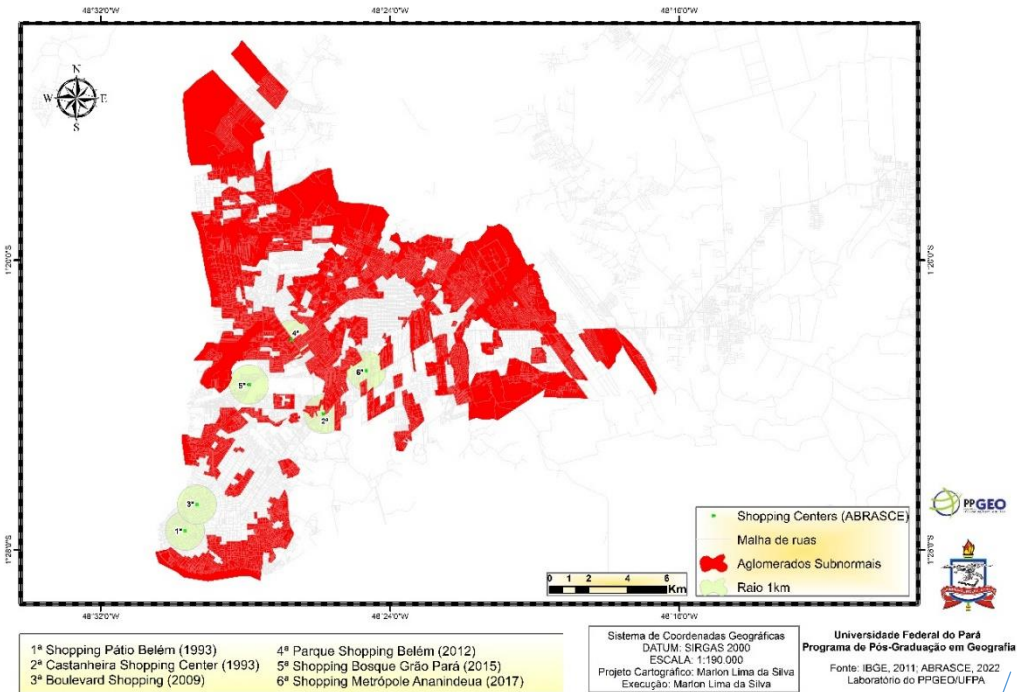


Fonte: Autor, 2023

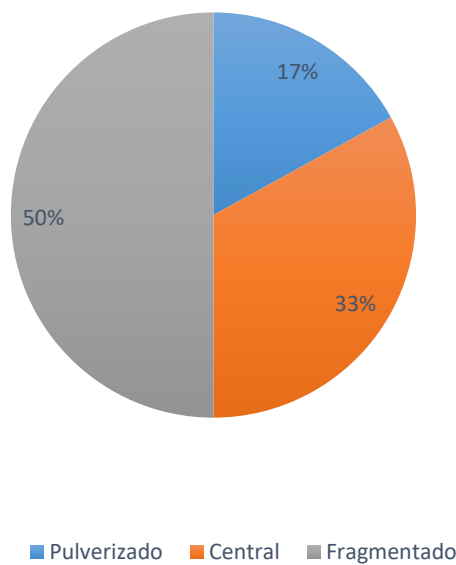


**Figura 2. Perfil locacional dos *shopping centers* em Belém**

**Aglomerados Subnormais e Shopping Centers em Belém-PA e Ananindeua-PA**



**Perfil locacional- Belém**



Fonte: Autor, 2023



Se em Manaus é o perfil pulverizado que domina (50%), em Belém essa força é exercida pelo perfil fragmentado (50%). Em ambos os casos, o perfil central ocupa a segunda posição, com 40% em Manaus e 33% em Belém. Deve-se destacar também que alguns empreendimentos em Manaus, apesar de tangenciaram polígonos de aglomerados subnormais, não foram contabilizados como perfil fragmentado em razão da diminuta porção tangenciada.

De modo geral, embora exista o movimento de dispersão dos *shopping centers* para além das áreas centrais, ele ocorre reforçando a lógica centro-periférica, de tal modo que os agentes procuram evitar a construção dos empreendimentos nas áreas mais pobres. Porém, nem sempre essa prática é possível. Principalmente, em metrópoles marcadas por profundas desigualdades socioespaciais.

No que tange à evolução locacional do setor, a construção dos empreendimentos iniciou nas áreas mais centrais, assumindo, posteriormente, a tendência de expansão para áreas periféricas (próximo aos aglomerados subnormais) e pulverizadas (novas áreas de expansão, incluindo locais com a presença de amenidades ambientais).

No entanto, a forma e o ritmo desse movimento diferem em cada metrópole. Em Belém, os primeiros *shopping centers* foram construídos simultaneamente nas áreas centrais e periféricas. Já em Manaus, as áreas pobres receberam empreendimentos somente 10 anos após a construção do primeiro *shopping center*.

Isso sugere considerar o peso exercido pelas heranças histórico-geográficas. De modo diferenciado, elas influenciam o processo de estruturação espacial do setor nos dois principais núcleos urbanos da Amazônia. Belém e Manaus apresentam semelhanças e diferenças em relação ao que se pode denominar de formação socioespacial da Amazônia (Santos, 2008; Santos, Silveira, 2001).

Quanto às semelhanças, ambas foram fundadas como importantes fortificações coloniais portuguesas no processo de conquista territorial. Do mesmo, assumiram grande relevância econômica no final do século XIX e início do século XX, sendo portos e bases logísticas para a atividade gomífera.

No entanto, o processo de integração nacional e as políticas desenvolvimentistas para Amazônia, após a década de 1950, imprimiram um conjunto de dinâmicas próprias nos dois núcleos (Vicentini, 2004). Na ocasião, Manaus se consolidou como o grande polo urbano regional, a partir da instalação da Zona Franca de Manaus, sendo uma cidade com Produto



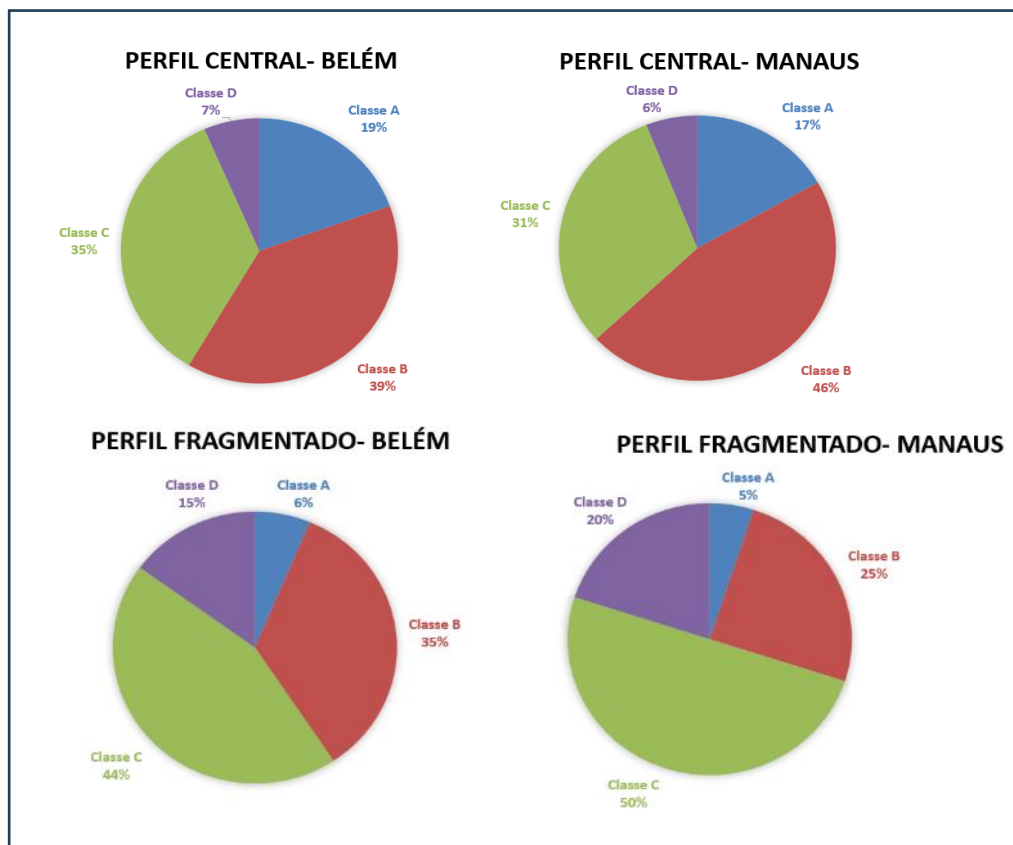
Interne Bruto (PIB) de destaque nacional (Oliveira, Schor, 2009). Da mesma forma, constituiu-se enquanto metrópole a partir da singularidade de não apresentar municípios adensados em seu entorno urbano, não formando, assim, as típicas conurbações que comumente enfrentam sérios problemas de governança interfederativa no país.

Por sua vez, Belém se configurou como polo de comércio e serviços regionais. Além disso, absorveu grandes fluxos demográficos ociosos que foram liberados após a implementação dos projetos agromineiros executados no interior do estado do Pará. Esses fluxos agravaram os problemas urbanos de modo que as políticas habitacionais não foram suficientes para conter a precarização das condições de moradia e a proliferação de assentamentos precários (Trindade Jr., 1998; Silva, 2014). Isso tudo resultou na formação da periferia metropolitana em sua conurbação precária como os municípios de Ananindeua, Marituba e Benevides. Como uma herança desse processo, a Região Metropolitana de Belém foi contabilizada como a “RM que mais possui assentamentos subnormais no Brasil” (Costa, 2014, p. 228).

Portanto, as condicionantes histórico-geográficas são imperativos que contribuem para a diferenciação do processo de estruturação espacial do setor nas duas metrópoles. Constituindo, assim, perfis locacionais distintos que revelam formas e ritmos diversificados de sobreposição da lógica centro-periférica pela lógica fragmentária.

Entretanto, no que se refere aos perfis dos frequentadores em relação aos perfis locacionais dos empreendimentos, essas diferenças praticamente inexistem. Manaus e Belém se comportam como espelhos, de tal modo que a proximidade das áreas centrais é diretamente proporcional ao número de frequentadores das classes A e B e inversamente proporcional ao número de frequentadores das classes C e D (**Figura 3**). A ausência de dados não permitiu comprar os frequentadores dos empreendimentos de perfil locacional pulverizado.

**Figura 2.** Perfil dos consumidores em relação aos perfis locais dos *shopping centers*



Fonte: Abrasce, 2021

É importante destacar ainda que as classes B e C são as maiores frequentadoras nas duas metrópoles. Essas classes se mantêm quase que constante, independentemente da localização dos empreendimentos, com leve variação da classe B para o perfil central e da classe C para o perfil periférico. Entretanto, a presença das classes A e D varia muito em função do perfil locacional dos empreendimentos, sendo o perfil central de domínio da classe A e o perfil fragmentado de domínio da classe D.

Portanto, nota-se que a renda dos frequentadores espelha o perfil locacional dos *shopping centers* dentro de uma lógica centro-periférica no que se refere ao consumo, ou seja, separando geometricamente ricos e pobres. Assim, quanto mais o empreendimento se afasta dos aglomerados subnormais, menor é número de frequentadores da classe D, sendo maior os da classe A. E, quanto mais o empreendimento se aproxima desses aglomerados, maior é o número de frequentadores da classe D, sendo menor os da classe A.

No entanto, deve-se ponderar que a dominância da lógica centro-periférica no que se refere ao consumo necessita ser problematizada. O modelo do tipo ricos nos *shopping centers* centrais e pobres nos *shopping centers* periféricos precisa ser relativizado na medida em que as classes B e C transitam quase que invariavelmente nos perfis locacionais central e fragmentado.

De fato, a ampliação dos serviços e do público alvo nesses empreendimentos exige pensar a fragmentação no consumo que acontece na escala do interior dos empreendimentos. “Lojas de rico” e “lojas de pobre” se configuram como renovadas formas de segmentação dentro dos *shopping centers* que merecem estudos detalhados.

Faculdades, academias de musculação, consultórios médicos, pequenas feiras, exposições, programações culturais diversas e serviços de órgãos públicos são exemplos que complexificam entendimento das funções e do significado desses empreendimentos no interior das cidades.

A presença ou ausência dessa ampliação de opções deve ser estudada e comparada afim de se reconhecer as generalidades e as especificidades dos processos que indicam, pelo consumo, a passagem da lógica centro-periférica para a lógica fragmentária. E o peso das heranças históricas e geográficas na natureza e no ritmo desses processos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho revelou que a passagem da lógica de estruturação espacial centro-periférica para a lógica fragmentária é complexa e necessita de estudos comparativos para revelar as suas generalidades e especificidades.

Embora a separação geométrica entre ricos e pobres tenha se reduzido com a difusão do setor de *shopping center* para as periferias das cidades, esse movimento possui forma e ritmo diversificados, com contribuição direta das heranças histórico-geográficas.

Em Belém, 50% do *shopping centers* estão localizados num raio de até 1km em relação aos aglomerados subnormais, enquanto que em Manaus são apenas 10%. Em Manaus, o perfil pulverizado de localização (50%) é dominante, indicando que novas áreas de expansão tem sido incorporadas para a instalação dos empreendimentos, evitando, ao máximo, as áreas mais pobres. O perfil central é de 40% dos *shopping centers* de Manaus e 33% de Belém.

Nesse sentido, os agentes econômicos agem de modo a evitar as áreas mais pobres, algo que nem sempre é possível no interior de cidades marcadas por profundas desigualdades



socioespaciais. Isso mostra que embora o modelo geométrico centro-periférico de localização se reduza, ele não se esgota.

No que se refere ao consumo, enquanto os *shopping centers* de perfil central são frequentados predominantemente pelas classes A e B, os de perfil fragmentado são frequentados com mais ênfase pelas classes C e D. Isso mostra um claro perfil centro-periférico. No entanto, considerando que as classes B e C são as principais frequentadoras, independente do perfil locacional dos empreendimentos, essa observação deve ser relativizada.

Em decorrência da ampliação do público alvo dos *shopping centers* e da oferta de novos serviços que complexificam o consumo, é necessário que novos estudos sejam pensados para analisar a passagem da lógica de estruturação espacial centro-periférica para a lógica fragmentária na escala da oferta e do consumo das diferentes lojas presentes no interior desses empreendimentos.

Esses grandes equipamentos de consumo necessitam incorporar novos mecanismos de usos para se reproduzirem, não apenas pela lógica de reprodução do capital, mas pelo cotidiano. Essa é uma oportunidade conjunta para órgãos públicos e movimentos de luta pelo direito à cidade promoverem a ampliação da abertura e da inclusão no interior desses estabelecimentos, ampliando a justiça social. Assim, de modo a pensar novas formas de uso que não se limitem à lógica do consumo, mas incorporem a multidimensionalidade da vida.

## REFERÊNCIAS

ABRASCE. Associação Brasileira de Shopping Centers. Página eletrônica recuperada em 28/10/2021, de: [www.abrasce.com.br/guia-de-shoppings](http://www.abrasce.com.br/guia-de-shoppings)

ABRASCE. Associação Brasileira de Shopping Centers. **Revista da ABRASCE**, ed. 245. Ano 36. jan/fev. 2023.

BARATA-SALGUEIRO, T. Lisboa, metrópole policêntrica e fragmentada. **Finisterra**, 32(63). 1997. p.179-190.

BARTOLLY, F. S. **Shopping center**: entre o lugar e o não lugar. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFF, Niterói, 2007.

BRENNER, N.; SCHMID C. Towards a new epistemology of the urban? **City**, 19: n. 2-3, 2015, p. 151-182. <https://doi.org/10.1080/13604813.2015.1014712>

CASTELS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011 [1972].

CBRE. Coldwell Banker Richard Ellis. **Relatório de valorização**: shopping Pátio Belém. 2020.



CHESNAIS, F. A proeminência da finança no seio do "capital em geral": o capital fictício e o movimento contemporâneo de mundialização de capital. In: BRUNHOFF, S.; DUMÉNIL, G.; LÉVY, D.; HUSSON, M (Org.). **A finança capitalista**. São Paulo: Alameda. 2010. p. 95-182.

COSTA, M. A. Uso do solo nas regiões metropolitanas brasileiras: a governança frágil e a produção do espaço fragmentado. In: COSTA, M. A.; MARGUTI, B. O (Eds.). **Funções públicas de interesse comum nas metrópoles brasileiras**: transportes, saneamento básico e uso do solo. Brasil: IPEA, 2014. p. 209-230.

DÁVILA, A. **El Mall**: The Spatial and Class Politics of Shopping Malls in Latin America. Oakland, California: University of California Press, 2016.

EGUREN, A. F. **O reflexo do investimento estrangeiro direto no mercado de shopping centers no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Economia). UFPE/CCSA. Recife, 2014.

FRÚGOLI, H. Jr. Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico. In: PINTAUDI, S. M.; FRÚGOLI, H. Jr. (Org.). **Shopping centers**: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 15-44.

HARVEY, D. **Ciudades rebeldes**: del derecho a la ciudad a la revolución urbana. Madrid, Ediciones Akal, 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**: aglomerados subnormais: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2011

LEGROUX, J. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, MG, v. 22, n. 81, 2021.

MELARA, E.; SILVA, W. R. Shopping centers em cidades médias: uma nova expressão de centralidade e sociabilidade urbana. In: SILVA, W. R.; SCHOR, T. (Org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional**: Resende e Parintins. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022. p. 155- 174.

MORCUENDE, A. Por trás das origens da fragmentação sócio-espacial. **Mercator**, Fortaleza, v. 20, julho de 2021.

NAVEZ-BOUCHANINE, Françoise. "Emergence d'une notion: quelques repères historiques". In: NAVEZ-BOUCHANINE, Françoise. **La fragmentation en question**: des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale. Paris: L'Harmattan, 2002, p. 19-103.

OLIVEIRA, J. A.; SCHOR, T. Manaus: transformações e permanências, do forte a metrópole regional. In: CASTRO, E. (org.). **Cidades na Floresta**. São Paulo: Annablume, 2009, p. 41-98

PRÉVÔT-SCHAPIRA, Marie-France. Fragmentación espacial y social: conceptos e realidades. **Perfiles Latinoamericanos**, n.19, dez. 2001, p. 33-56.

SÁ, J. M. **Os investimentos diretos estrangeiros na indústria do varejo nos shopping centers no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Economia). UFPE/CCSA. Recife, 2005.

SANTOS, M.; SILVEIRA M. L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2008 [2001].

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2008.



SILVA, W. R. Centralidade, *shopping centers* e reestruturação das cidades média. In: MAIA, D. S.; SILVA, W. R.; WHITACKER, A. M. (Org.). **Centro e centralidade em cidades médias**. São Paulo: Ed. UNESP/Cultura Acadêmica, 2017.

SILVA, M. L. **Habitação produzindo espaço urbano na reprodução de conjuntos habitacionais: experiências e tendências na Região Metropolitana de Belém**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SILVA, M. L.; RODRIGUES, J. C. Urbano contemporâneo e estrutura centro-periferia. **Mercator**, 2023. p 1-15. Recuperado em 28/07/2023, de <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e22012>

SPOSITO, M. E. B. Novos conteúdos das periferias urbanas do Estado de São Paulo, Brasil. *Investigaciones Geográficas*, **Boletín del Instituto de Geografía** – Unam, n. 54. Universidad Nacional Autónoma del México. México, 2004.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Org.). **A cidade contemporânea: segregação socioespacial**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-93.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes, processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 123-145.

SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. Fragmentação socioespacial. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, jun. 2020.

SPOSITO, M. E. B. “Fragmentação socioespacial e consumo na periferia de São Paulo”. **Tlalli. Revista de Investigación en Geografía**. Cidade do México: n. 8, 2022, p. 56-85.

TRINDADE JÚNIOR, S-C. C. **A cidade dispersa: os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana**. 1998. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

VICENTINI, Y. **Cidade e história na Amazônia**. Curitiba: UFPR, 2004

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel. FAPESP, 1998.